



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

TAMIRYS GALVÃO DOS SANTOS

**DISTOCIA EM GRANDES ANIMAIS: FATORES E INTERVENÇÕES NO PRÉ-
ATENDIMENTO COMO CAUSA DE MORTE MATERNA E/OU FETAL EM
ANIMAIS ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFPB**

**AREIA
2024**

TAMIRYS GALVÃO DOS SANTOS

**DISTOCIA EM GRANDES ANIMAIS: FATORES E INTERVENÇÕES NO PRÉ-
ATENDIMENTO COMO CAUSA DE MORTE MATERNA E/OU FETAL EM
ANIMAIS ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFPB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Medicina Veterinária pela
Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Norma Lúcia de Souza
Araújo

AREIA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237d Santos, Tamirys Galvao dos.

Distocia em grandes animais: Fatores e intervenções no pré-atendimento como causa de morte materna e/ou fetal em animais atendidos no Hospital Veterinário da UFPB / Tamirys Galvao Dos Santos. - Areia, 2024.
32 f. : il.

Orientação: Norma Lúcia de Souza Araújo.
TCC (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Medicina Veterinária. 2. Bovinos. 3. Reprodução.
4. Distocia. I. Araújo, Norma Lúcia de Souza. II.
Título.

UFPB/CCA-AREIA

CDU 636.09 (02)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
COORDENAÇÃO DE MEDICINA VETERINÁRIA
CAMPUS II – AREIA - PB

DEFESA DO TRABALHO DE GRADUAÇÃO

Aprovada em: 29/08/2024

**“DISTOCIA EM GRANDES ANIMAIS: FATORES E INTERVENÇÕES NO PRÉ-
ATENDIMENTO COMO CAUSA DE MORTE MATERNA E/OU FETAL EM ANIMAIS
ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFPB”**

Autor: **TAMIRYS GALVÃO DOS SANTOS**

Banca examinadora:

Profa. Dra. Norma Lúcia de Souza Araújo – Orientadora
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Me. Marquiliano Farias de Moura – Examinador
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

M.V. Carlos Alberto Queiroz de Aquino – Examinador
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Às mulheres que nunca cortaram minhas asas, mas em vez disso, costuraram elas quando quebradas para que eu pudesse voar o mais alto possível. E ao meu bisavô, Valdemar, que voou alto e virou anjo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e à Virgem Maria, que sempre aos seus cuidados aquietaram as tempestades internas que turvaram minha mente e meu coração.

Agradeço aos meus pais, Vera e Carlinhos, por abdicarem dos seus sonhos e estudos para que os meus e dos meus irmãos se tornassem realidade.

Agradeço aos meus avós, Seu Jurandi e Dona Nita. Especialmente à minha vó, por ser meu refúgio em dias turbulentos, por acreditar em mim quando nem mesmo eu acreditei e por todas as ligações que me salvaram incontáveis vezes.

Aos meus irmãos, isso inclui minha prima, Silmara: vocês são literalmente quem curam todas as minhas feridas, sejam elas superficiais ou profundas.

Aos meus afilhados, Marina, Pedro e Enzo, eu queria ser a tia rica de vocês, mas sou só a madrinha “Pampam”. Acho que está tudo bem para vocês, porque os olhos de vocês não mentem quando vocês me olham.

Agradeço aos amigos que fiz e que se tornaram meu lar: Irber, incrivelmente parecido comigo, meu irmão de outra vida. Clara e Suzy, sempre completando meus pensamentos intrusivos, irmãs de outra mãe. Witória, sempre me incentivando a superar meus limites e mostrando que eu sou capaz de conseguir o que eu quiser. Brenda, eu te amo. Amanda Gabriela, insuportável em gostar de contato físico e me mostrar que contato físico pode acalantar uma alma. Amanda Rafaella, o achocolatado quente com biscoito cream cracker sempre vai ser meu lanche preferido da noite. Eduardo, de dia de um jeito e de noite de outro, literalmente amigo para todas as horas. Gisele, mais mãe do que amiga, obrigada pelo cuidado e pela preocupação, quando eu crescer quero ser igual você. Gabrielli Bernardo, poderia falar mil coisas sobre você e acho que nem assim conseguiria expressar o que realmente gostaria de dizer. Espero que tenhamos mais noites de vinhos para falarmos sobre tudo àquilo que dói no peito e também o que faz o nosso coração acelerar.

À minha incrível orientadora, professora Norma Lúcia: você é luz na vida dos seus alunos, queria que todos os professores tivessem um pouco do seu cuidado de mãe. Em um futuro próspero, espero ser uma professora tão boa quanto à senhora é para os seus alunos.

À minha turma: nossos anos juntos passaram voando, foram intensos, divertidos e bem vividos. Espero continuar compartilhando conhecimento e divertimento com vocês.

Aos meus queridos e amados alunos do Cursinho Pré-ENEM do CCA: mesmo em dias cansativos vocês sempre alegravam minhas noites e ainda despertaram em mim o amor pela área da educação. Vocês estarão sempre em minha memória e em meu coração. Devo muito a vocês e aprendi mais do que ensinei. Obrigada por isso.

Agradeço aos meus amigos de João Pessoa, que mesmo longe, sempre se fizeram presente na minha vida.

E, por fim, a mim: desde pequena sempre fui muito sentimental e nunca soube lidar direito com meus sentimentos. Sempre quis abraçar o mundo porque achava que daria conta de tudo. Sempre quis fazer o melhor e ser melhor em todos os aspectos. Meus pais já diziam: “A vida ensina”. E ensina mesmo. Descobri que sou sentimental porque sou intensa demais, ou é tudo ou é nada. Descobri que eu não precisava abraçar o mundo, porque o meu mundo sempre esteve nos meus braços, no meu dia a dia, nos piores e nos melhores momentos da minha vida: minha família e meus amigos. Descobri que não preciso ser a melhor do mundo; eu só preciso ser o melhor para mim mesma.

RESUMO

A distocia é uma complicação do parto, caracterizada por dificuldades na passagem do feto pela pelve materna, podendo ser causada por fatores maternos, fetais e/ou mecânicos. Este estudo visa analisar 10 casos de distocia em fêmeas de animais de grande porte no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba a fim de identificar quais manobras ou intervenções foram realizadas previamente ao atendimento clínico e como essas intervenções influenciaram o óbito da mãe e/ou dos fetos. A análise dos casos demonstrou que o diagnóstico precoce e o monitoramento dos animais no período pré-parto são de grande relevância para o bom andamento do trabalho de parto. Conclui-se que diversos fatores como tentativas de manobras obstétricas mal administradas, uso indevido prévio de fármacos, bem como o retardo na busca por atendimento obstétrico especializado, concorreram fortemente para o desfecho que culminou nos óbitos maternos e fetais.

Palavras-Chave: bovinos; reprodução; distocia.

ABSTRACT

Dystocia is a labor complication characterized by difficulties in fetal passage through the maternal pelvis, potentially caused by maternal, fetal, or mechanical factors. This study examines 10 cases of dystocia in large animal females at the Veterinary Hospital of the Federal University of Paraíba, aiming to identify the maneuvers or interventions performed prior to clinical care and their impact on maternal and fetal outcomes. The analysis revealed that early diagnosis and monitoring during the pre-partum period are crucial for a successful labor process. It was concluded that factors such as poorly managed obstetric maneuvers, inappropriate prior use of pharmaceuticals, and delays in seeking specialized obstetric care significantly contributed to the maternal and fetal fatalities.

Keywords: bovines; reproduction; dystocia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Representação da estática fetal normal em feto bovino.....	16
Figura 2 – Feto enfisematoso de bezerro após fetotomia, oriundo de parto distócico em uma vaca atendida no Hospital Veterinário da UFPB.....	20
Figura 3 – Prolapso vaginal seguido de distocia em vaca atendida no Hospital Veterinário da UFPB. A: Aspecto do prolapso vaginal. B: Tecido vaginal desprendido cinco dias após o parto.....	21
Figura 4 – Laceração uterina causada por tentativa de tração fetal em cabra com distocia atendida no Hospital Veterinário da UFPB.....	22
Figura 5 – Feto macerado de ovelha com distocia atendida no Hospital Veterinário da UFPB.....	24
Figura 6 – Feto morto após manobra obstétrica em égua com distocia atendida no Hospital Veterinário da UFPB.....	26
Figura 7 – Laceração uterina após tentativa de tracionamento fetal em porca atendida no Hospital Veterinário da UFPB.....	27
Figura 8 – Lesão na região vulvar, ocasionada por tentativa de tração fetal em porca com prolapso vaginal, seguido de parto distócico, atendida no Hospital Veterinário da UFPB.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BOV	Bovino
CAP	Caprino
EQUI	Equino
IM	Intramuscular
Kg	Quilograma
mL	Mililitro
MP	Membro pélvico
NI	Não identificado
SRD	Sem raça definida
SUI	Suíno

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 Distocias em grandes animais	12
2.1.1 Tipos de distocias	12
2.1.2 Fatores predisponentes às distocias	13
2.1.3 Diagnóstico de distocias	13
2.1.4 Intervenções Obstétricas.....	15
2.1.4.1 Manobras obstétricas com tração forçada	15
2.1.4.2 Episiotomia.....	16
2.1.4.3 Cesariana	16
2.1.4.4 Fetotomia.....	16
3 CASOS CLÍNICOS DE DISTOCIA EM GRANDES ANIMAIS NO HV-UFPB	17
4 DISCUSSÃO	27
5 CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

O parto eutócico é caracterizado pela facilidade da expulsão do feto pelo canal vaginal durante o parto. Partos eutócicos ocorrem de maneira natural, na qual o próprio animal realiza a expulsão do(s) feto(s) sem que haja intercorrências. Por outro lado, a distocia, pode ser definida como parto difícil ou complicações durante o processo de passagem do feto pela pelve da parturiente, podendo estar relacionada a causas maternas, fetais e mecânicas.

Os efeitos negativos da distocia configuram um impacto financeiro considerável nas fazendas, podendo representar até 41% dos custos de produção, 34% dos custos relacionados à fertilidade e 25% dos custos com a mortalidade da mãe e do(s) feto(s) (LOURENÇO, 2019).

Segundo Coury *et al.*, (2023), as perdas causadas pela distocia podem representar um custo significativo para os produtores de leite, resultando em lesões nas vacas, com consequente queda no rendimento. A distocia afeta ainda a performance reprodutiva dos animais em lactação, elevando o risco de doenças uterinas, disfunção ovariana e diminuição da fertilidade.

Complicações no parto também podem aumentar os dias vazios e o intervalo até a próxima cobertura, contribuindo negativamente para o desempenho reprodutivo futuro em grandes animais, além de prejudicar a parturiente, os partos distócicos afetam diretamente o feto, podendo ser causa de mortes perinatais. (HAFEZ e HAFEZ, 2004).

O sucesso no tratamento da distocia depende do diagnóstico precoce e da intervenção rápida e adequada à situação. Segundo Jorge (2023), a prevenção é essencial e pode ser alcançada com um manejo adequado da alimentação, sendo essencial que os produtores adotem boas práticas de manejo e cuidado, garantindo a saúde e o bem-estar dos animais.

O objetivo deste trabalho consistiu em descrever quais fatores e/ou intervenções realizadas no pré-atendimento atuaram como causa de morte materna e/ou fetal em casos de distocia em fêmeas de animais de grande porte, atendidas no Hospital Veterinário do Centro de Ciências Agrárias, da Universidade Federal da Paraíba (HV-CCA/UFPB), Areia – PB.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Distocias em grandes animais

Em bovinos, a distocia, é uma das principais causas de mortalidade entre bezerros e a maior fonte de custos com intervenções veterinárias. A dificuldade no parto não apenas aumenta a mortalidade dos bezerros, mas também acarreta perdas econômicas substanciais para os pecuaristas, resultando em menor fertilidade e redução da produção bovina (KEBEDE, 2017).

A literatura nacional apresenta poucas informações sobre a prevalência de distocia em caprinos, suínos e ovinos. Porém, uma pesquisa realizada na Clínica de Bovinos, do Campus Garanhuns da Universidade Federal Rural de Pernambuco, ressaltou a relevância desta complicação obstétrica, demonstrando que entre as 607 ovelhas atendidas no período de 2000 a 2007, 9,88% das fêmeas foram diagnosticadas com distocia (CÂMARA *et al.*, 2009). Em relação aos suínos, de acordo com Ribeiro (2023), as distocias são relativamente raras quando comparadas a outras espécies, no entanto, quando ocorrem, elas têm um impacto negativo significativo na produção.

Por sua vez, no que se refere à espécie equina, as características anatômicas do sistema reprodutivo das éguas, como a pelve mesatipélvica com base óssea plana e formato circular, associado à alta capacidade de distensão das vias fetais moles, contribuem para a baixa incidência de distocias de origem materna. Todavia, distocias de origem fetal são mais frequentes, manifestando-se, por exemplo, através de malformações congênitas e posicionamento fetal inadequado (GANDINI, 2023).

2.1.1 Tipos de distocias

As causas maternas de distocia são mais frequentes em ruminantes devido às particularidades de sua anatomia e suas características fisiológicas (PRESTES e LANDIM-ALVARENGA, 2017). A distocia materna pode ser causada por estreitamento da via fetal ou por déficit nas forças de expulsão (SINGH, SHARMA e KUMAR, 2019). Já as distocias de origem fetal podem ser causadas por alterações na estática fetal, gestação prolongada, monstruosidades e/ou feto(s) relativamente

ou absolutamente grande(s). Segundo Hafez e Hafez (2004), as causas mecânicas podem ser causadas por desproporção fotopélvica, torção uterina, estenose da cérvix e vagina e anomalias congênitas.

2.1.2 Fatores predisponentes às distocias

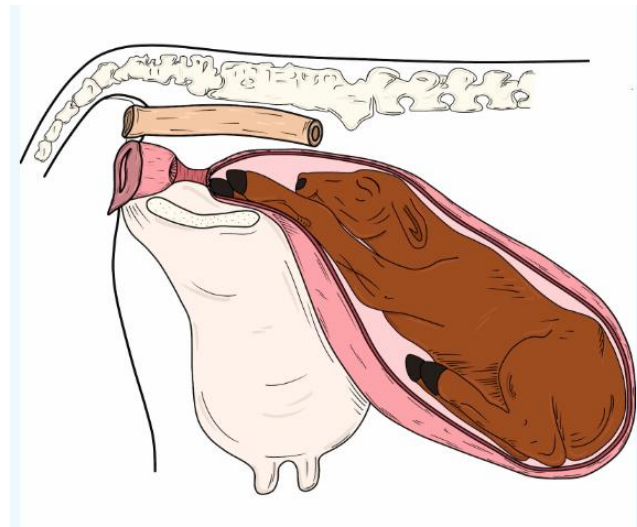
Vários fatores influenciam a ocorrência de partos distócicos, de maneira geral, os partos distócicos são classificados em fatores ligados aos progenitores, à prole e ao ambiente (LOURENÇO, 2019), podendo ser classificados em fenotípicos, genéticos e não-genéticos. Os fatores fenotípicos estão relacionados ao peso do vitelo e da parturiente e sua condição corporal, à quantidade de fetos e o tempo da gestação. Em relação aos fatores não genéticos, está relacionado o manejo, incluindo o manejo nutricional, o sexo do feto, a quantidade de partos, estação do ano e possíveis doenças (GAAFAR *et al.*, 2011).

2.1.3 Diagnóstico de distocias

Durante os últimos meses de gestação, o feto realiza diversas mudanças de posição no útero para se acomodar de forma adequada para o parto. Essas manobras incluem a extensão das extremidades e a rotação sobre seu próprio eixo, com o objetivo de alcançar a posição ideal no canal de parto (ANDOLFATO e DELFIOR, 2014). No parto eutócico o feto tem apresentação longitudinal anterior, posição superior e atitude estendida com membros e cabeça insinuados no quadrante pélvico (Figura 1). No caso de fêmeas com múltiplos fetos, a apresentação longitudinal anterior ou posterior é indiferente (RODRIGUEZ *et al.*, 2015).

O parto distócico exige um exame obstétrico detalhado e abrangente, com conhecimento em diversas áreas; dentre essas estão a fisiologia do parto e da gestação, a duração da prenhez, os sinais externos do trabalho de parto, incluindo as fases e a duração do parto, a anatomia do animal, a estática fetal, puerpério fisiológico e patológico (PRESTES e LANDIM-ALVARENGA, 2017).

Figura 1 - Representação da estática fetal normal em feto bovino



Fonte: ESTRADA, CASTILLO e ROMERO, (2021).

A abordagem do animal com distocia baseia-se primeiramente na obtenção de uma anamnese completa, seguido de exame clínico geral e, por último, o exame ginecológico específico (RODRIGUEZ *et al.*, 2015).

A anamnese deve abranger todas as informações relevantes do caso, principalmente, as informações específicas sobre a parturiente, tal como a quantidade de partos, se a fêmea é primípara ou múltipara, qual a data prevista do parto, há quanto tempo a parturiente está em trabalho de parto, se há progressão e se a fêmea já recebeu algum tipo de assistência. Além disso, deve-se obter informações acerca do reprodutor, a exemplo da espécie, raça, idade, bem como o porte do mesmo. O manejo, a nutrição, ocorrência de doenças anteriores e se houve alguma intervenção antes do atendimento clínico, são aspectos imprescindíveis a serem abordados (PAIVA, 2022).

Para o exame clínico, é fundamental iniciar com uma inspeção visual rápida para detectar sinais de estresse, dor ou irregularidades. É necessário avaliar a condição geral e o escore corporal da fêmea, observando se ela está em estação ou decúbito. Em seguida, deve-se realizar o exame físico para avaliar os parâmetros da parturiente (MELLO, 2023). Ainda, é importante verificar se há membranas ou partes fetais visíveis na vulva, identificar o estado das membranas fetais, assim como a estática fetal. Também deve-se observar se há presença de secreção vaginal para

identificar qualquer anormalidade que possa sugerir problemas, como por exemplo, morte fetal (KEBEDE, 2017).

O exame obstétrico, quando é permitido pela via vaginal, a depender do porte da mãe, possibilita a avaliação do posicionamento fetal e a sua viabilidade, a identificação da presença do *rigor mortis*, resposta contrátil uterina, grau de lubrificação, dilatação das vias fetais e o tamanho do feto. Em geral, distocias são mais facilmente corrigidas se o feto estiver vivo ou recém-morto, sem *rigor mortis* ou malformações (MELLO, 2023).

2.1.4 Intervenções Obstétricas

É importante ressaltar que uma intervenção precoce pode ocasionar lesões na parturiente, já que por estar na primeira fase do parto, a dilatação pode ser insuficiente, levando à distocia.

Depois de diagnosticada a natureza da distocia, o médico veterinário determina a intervenção apropriada para o auxílio materno. A escolha do tipo de intervenção pode ser influenciada pela condição do(s) feto(s), especificamente se houver viabilidade fetal ou não no momento da intervenção (MELLO, 2023). Dificuldades maiores ocorrem com fetos em posição transversal, com malformações, posições inferiores ou apresentações posteriores (no caso de fêmeas com fetos únicos). Partos cujos fetos encontram-se com flexão bilateral da articulação coxofemoral também são difíceis de manobrar. Se a distocia não puder ser corrigida, com o feto vivo, recomenda-se a cesariana; em casos de morte fetal, deve-se optar pela fetotomia parcial ou total (PRESTES e LANDIM-ALVARENGA, 2017).

2.1.4.1 Manobras obstétricas com tração forçada

As manobras obstétricas são adotadas quando o animal está mal posicionado, caracterizando o caso de distocia fetal. O obstetra deve determinar a natureza da alteração na posição fetal e verificar se há espaço suficiente entre o feto e a pelve para auxiliar o nascimento. Quantidades significativas de lubrificante devem ser empregadas durante este procedimento, além da higienização do períneo da parturiente, vestimenta adequada e equipamentos de proteção ao obstetra

(PRESTES E LANDIM-ALVARENGA, 2017). As correções das distocias são mais facilmente resolvidas com o animal em estação (GARBIN, 2011). Com a tração forçada utiliza-se dispositivos ou técnicas para aplicar força ao feto para ajudar na sua extração do canal de parto. Em fêmeas de grande porte, quando correntes são utilizadas, devem ser posicionadas acima das articulações, especificamente na articulação metacarpo-falangeana anelar, contudo, deve-se ter cautela ao utilizar esse tipo de manobra, pois não está isenta de riscos (QUEIROZ, 2024).

2.1.4.2 Episiotomia

A estenose ou insuficiência na dilatação da vulva e do vestíbulo ocorre devido a distúrbios no crescimento corporal, doenças crônicas, nutrição inadequada ou estreitamento decorrente de processo cicatricial. A episiotomia refere-se à incisão cirúrgica dos lábios vulvares para facilitar a passagem do feto (XIMENES, 2009).

2.1.4.3 Cesariana

A intervenção cesariana é uma forma de intervir em casos de partos distócicos classificados como risco de vida para a parturiente e para o feto, e quando os outros procedimentos já foram realizados e não obtiveram sucesso. (QUEIROZ, 2024; GARBIN, 2011).

É uma técnica rotineiramente utilizada em ruminantes e pouco utilizada em éguas e suínos. A técnica consiste em remover o feto do útero materno através de uma incisão cirúrgica no flanco da parturiente. Para esse procedimento, são utilizados tranquilizantes, anestesia epidural e anestesia local. Além disso, é necessário estabelecer uma terapia pós-operatória, e o procedimento é classificado como de complexidade reservada (GARBIN, 2011; PRESTES e LANDIM-ALVARENGA, 2017).

2.1.4.4 Fetotomia

A fetotomia (*dissectio fetus*) consiste na fragmentação do feto e a remoção de seus fragmentos pela via natural com auxílio de um fetótomo e apresenta duas

modalidades: a fetotomia total, que consiste na secção completa do feto, e a fetotomia parcial, na qual apenas as partes que dificultam o parto são seccionadas, sendo o restante do feto removido por tração adequada (XIMENES, 2009). De acordo com Kebede (2017), a técnica de fetotomia apresenta algumas vantagens, tal como evitar a cesariana, especialmente quando o conteúdo uterino está severamente contaminado, também possibilita melhora na recuperação da parturiente, além de reduzir os custos financeiros ao evitar o procedimento cirúrgico.

3 CASOS CLÍNICOS DE DISTOCIA EM GRANDES ANIMAIS NO HV-UFPB

A seguir, serão descritos 10 casos clínicos de emergências obstétricas em bovinos, caprinos, ovinos, equinos e suínos, sendo dois casos para cada espécie descrita, atendidos no Setor de Clínica de Grandes Animais do Hospital Veterinário do CCA/UFPB, cujo desfecho resultou em óbito materno e/ou fetal. O resumo dessas ocorrências está demonstrado na tabela 1.

Tabela 1 – Casos clínicos de distocias com intervenções no pré-atendimento como causa de morte materna e/ou fetal em animais de grande porte atendidos no Hospital Veterinário da UFPB.

Espécie	Tipo de distocia	Intervenção pré-atendimento	Intervenção atendimento	Desfecho
BOV 1	Fetal	Tentativa de tração fetal	Cesariana	Óbito materno e fetal
BOV 2	Fetal	Tração vaginal	Cesariana	Óbito fetal
CAP 1	Materna	- Tentativa de tração fetal - Uso de ocitocina e prostaglandina	Cesariana	Óbito materno e fetal
CAP 2	Fetal	Tentativa de tração fetal	Cesariana	Óbito fetal
OVI 1	Fetal	- Atraso no atendimento - Uso de antibiótico e analgésico	Cesariana	Óbito fetal
OVI 2	Materno-fetal	- Atraso no atendimento - Uso de antibiótico	Cesariana	Óbito fetal
EQUI 1	Materno-fetal	Atraso no atendimento	Manobra obstétrica	Óbito fetal
EQUI 2	Fetal	Uso de ocitocina e prostaglandina	Cesariana	Óbito materno e fetal
SUÍ 1	Materno-fetal	- Tentativa de tração fetal - Uso de ocitocina	Cesariana	Óbito materno e fetal
SUÍ 2	Materna	Tentativa de tração fetal	Cesariana	Óbito materno e fetal

Os casos descritos na tabela 1 são detalhados a seguir.

Bovino 1 – Prontuário 885/24

Nome: 2L (Feno)

Idade: 2 anos 6 meses

Espécie: Bovino

Raça: Nelore

Peso: 330 kg

Número de gestações: Primeira cria

Número de fetos: 1

Tipo de distocia: Fetal

Desfecho: Óbito da mãe e do feto

História da queixa principal: Proprietário afirma que o animal entrou em trabalho de parto dia 27/05/24 por volta das 17 horas. Não sabe informar a data da cobertura, o touro era de porte grande e a paciente novilha de primeira cria. Afirma ter visto o animal criar “amojo”. Tentaram tracionar o feto, mas não houve sucesso.

Atendimento Hospital Veterinário: Animal apresentava aumento de volume em base de cauda, pouco tônus e sensibilidade. Não conseguia apoiar os membros pélvicos, mas tentava levantar. Na palpação o feto apresentava-se longitudinal, com flexão de pescoço e membros. O animal foi encaminhado para cesariana. (Figura 2)

Figura 2 – Feto enfisematoso de bezerro após fetotomia, oriundo de parto distócico em uma vaca atendida no Hospital Veterinário da UFPB.



Fonte: Arquivo pessoal.

Bovino 2 – Prontuário 1028/24

Nome: Vovózinha

Idade: 13 anos

Espécie: Bovino

Raça: Nelore

Peso: 388 kg

Número de gestações: Décima primeira cria

Número de fetos: 1

Tipo de distocia: Fetal

Desfecho: Óbito do feto

História da queixa principal: Proprietário observou que o animal apresentou prolapso vaginal no dia 24/06/24, e no dia 25/06/24 o prolapso havia diminuído de tamanho. Proprietário afirmou que fez a tração para lavar a vagina e depois disso ela voltou a ter o prolapso. Animal prenhe, acredita estar próximo de dar cria.

Atendimento Hospital Veterinário: Animal prolapsa periodicamente a vagina e retrai espontaneamente. Mucosa vaginal congesta, secreção sanguinolenta. Feto distócico, nascimento em julho/2024.

Figura 3 - Prolapso vaginal seguido de distocia em vaca atendida no Hospital Veterinário da UFPB. A: Aspecto do prolapso vaginal. B: Tecido vaginal desprendido cinco dias após o parto.



Fonte: Arquivo pessoal.

Caprino 1 – Prontuário 1727/23

Nome: 923 da Austrália

Idade: 1 ano e 2 meses

Espécie: Caprino

Raça: Boer

Peso: 69 kg

Número de gestações: Primeira cria

Número de fetos: 1

Tipo de distocia: Materna

Desfecho: Óbito da mãe e dos fetos

História da queixa principal: Paciente entrou em trabalho de parto por volta das 17 horas do dia 03/09/24, o feto estava com os membros expostos, houve tentativa de tração, mas sem sucesso. Aplicou cort-trat 2mL IM, placentina 2mL IM, Ciosin 1mL IM, não houve progressão.

Atendimento Hospital Veterinário: Secreção sanguinolenta saindo da vulva, parto distócico. Paciente submetida à cesariana, onde o útero encontrava-se lacerado.

Figura 4 - Laceração uterina causada por tentativa de tração fetal em cabra com distocia atendida no Hospital Veterinário da UFPB.



Fonte: Arquivo pessoal.

Caprino 2 – Prontuário 1529/22

Nome: Bitinha

Idade: NI

Espécie: Caprino

Raça: SRD

Peso: 31 kg

Número de gestações: Primeira cria

Número de fetos: 2

Tipo de distocia: Fetal

Desfecho: Óbito do feto

História da queixa principal: Paciente entrou em trabalho de parto por volta das 20 horas do dia 15/08/22, um dos fetos nasceu vivo (parto gemelar). Demorou a parir o outro feto e chamou o vizinho que costuma “puxar” os animais, tentou tracionar pela manhã do dia 16/08/22 porque percebeu que o feto estava morto e consequentemente quebrou os membros do feto. Relatou que a mãe da parturiente pariu um feto morto no dia 13/08/22.

Atendimento Hospital Veterinário: Feto enfisematoso e com membros posteriores insinuados na vulva com presença de fraturas e lacerações. Vulva lacerada dorsalmente. Animal submetido à cirurgia para retirada do feto. Feto atermo, mal formado e com anasarca.

Ovino 1 – Prontuário 1415/23

Nome: Preta

Idade: 1 ano e 6 meses

Espécie: Ovino

Raça: Santa Inês

Peso: 47 kg

Número de gestações: Último parto janeiro de 2023

Número de fetos: 1

Tipo de distocia: Fetal (Feto macerado)

Desfecho: Óbito do feto

História da queixa principal: No início do ano animal pariu um borrego morto. Há cerca de 9 dias vem se “espremendo”, urinando e defecando em pequena quantidade. Se alimentava normalmente. Aplicou borgal 4mL por 4 dias e dipirona 3,5mL por 4 dias. Afirma que o animal teve quadro de “desmaio”, estava andando e caiu, passou um tempo no chão e demorou a se levantar. Foi separada do carneiro em março/2023.

Atendimento Hospital Veterinário: Animal submetido à cesariana. Feto morto/macerado.

Figura 5 - Feto macerado de ovelha com distocia atendida no Hospital Veterinário da UFPB.



Fonte: Arquivo pessoal.

Ovino 2 – Prontuário 1369/23

Nome: Branquinha

Idade: 2 anos

Espécie: Ovino

Raça: Dorper

Peso: 27 kg

Número de gestações: Primeira cria

Número de fetos: 1

Tipo de distocia: Materno-fetal.

Desfecho: Óbito do feto

Mês de atendimento: 26/07/23

História da queixa principal: Animal começou a colocar “mãe do corpo” para fora, inicialmente uma pequena parte. Proprietário afirma que ela colocou para dentro sozinha. No dia 25/07/23 voltou a colocar para fora uma porção maior. O proprietário relata que lavou e reposicionou no lugar. Na manhã do atendimento relata que voltou a expor bastante e inchou, ele fez a lavagem e reposicionou novamente.

Aplicou 1mL de pencivet, IM. Foi coberta por carneiro da mesma raça, mas de grande porte.

Atendimento Hospital Veterinário: Animal com edema em vulva e ocasionalmente expondo mucosa da vulva, principalmente quando manipulada.

Retorno clínico (04/08/2023): Animal prolapsando e expulsando tecido embrionário desde a manhã. Prolapsa o útero desde quando foi removida a sutura um dia anterior. Animal foi submetido à cesariana. Parto distócico e com prolapso vaginal.

Égua 1 – Prontuário 666/24

Nome: Kate Eletric Olena

Idade: 3 anos

Espécie: Equino

Raça: Quarto de milha

Peso: 384 kg

Número de gestações: Primeira cria

Número de fetos: 1

Tipo de distocia: Materno-Fetal

Desfecho: Óbito do feto

História da queixa principal: Animal em trabalho de parto há cerca de dois dias do atendimento.

Atendimento Hospital Veterinário: Animal com pelve estreita; Feto com estática fetal alterada (apresentação longitudinal anterior; posição inferior e membros e cabeça flexionados).

Figura 6 - Feto morto após manobra obstétrica em égua com distocia atendida no Hospital Veterinário da UFPB.



Fonte: Arquivo pessoal.

Égua 2 – Prontuário 396/24

Nome: Morena

Idade: 9 anos

Espécie: Equino

Raça: Quarto de milha

Peso: 420 kg

Número de gestações: Primeira cria

Número de fetos: 1

Tipo de distocia: Fetal

Desfecho: Óbito da mãe e do feto

História da queixa principal: Proprietário encontrou o animal em trabalho de parto às 11 horas, afirma que a bolsa já tinha estourado. Aplicou ocitocina na propriedade. Veterinário que levou o animal afirma não saber quantos mL o proprietário administrou, afirma que quando chegou à propriedade notou que o animal estava com distocia, não quis manipular muito e encaminhou para o hospital veterinário. Aplicou Lutalyse 2 mL, dose única.

Atendimento Hospital Veterinário: Animal em trabalho de parto com intensa contração uterina; Feto com MP flexionado insinuado na vagina do animal, sem evolução. Animal submetido à cesariana, feto sem vida.

Suíno 1 – Prontuário 1272/23

Nome: Porco

Idade: 7 meses

Espécie: Suíno

Raça: Piétrain

Peso: 120 kg

Número de gestações: NI

Número de fetos: NI

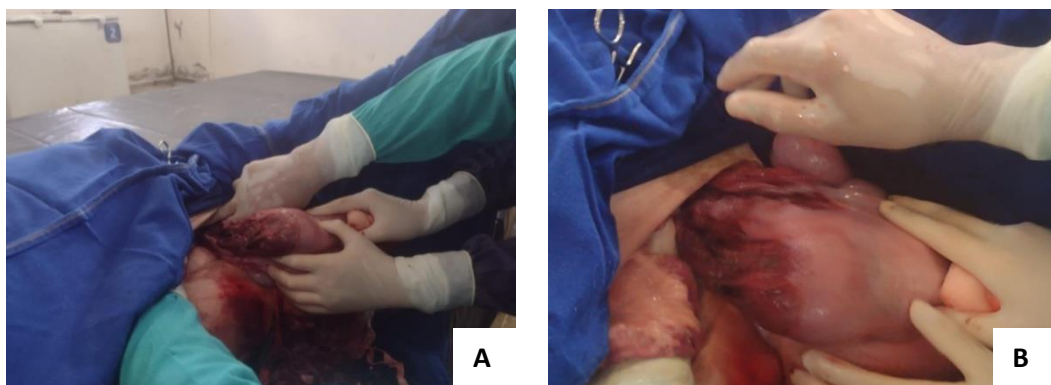
Tipo de distocia: Materno-fetal

Desfecho: Óbito da mãe e dos fetos

História da queixa principal: Proprietário relata que o animal entrou em trabalho de parto desde 7 horas, pariu um feto sozinha e foi auxiliada em mais três. Aplicou placentina às 13 horas (3mL), afirma que vaqueiro tentou puxar os demais, mas não obteve sucesso. Não conseguiu parir os demais desde 12 horas do referido dia do atendimento.

Atendimento Hospital Veterinário: Animal expressando dor e contração abdominal. Presença de feto insinuado em pelve, em posição eutócica. Cérvix estreita para passagem de feto grande.

Figura 7 - Laceração uterina após tentativa de tracionamento fetal em porca atendida no Hospital Veterinário da UFPB.



Fonte: Arquivo pessoal.

Suíno 2 – Prontuário 2421/23

Nome: GP6333

Idade: 1 ano

Espécie: Suíno

Raça: Piétrain

Peso: 184 kg

Número de gestações: Primeira cria

Número de fetos: NI

Tipo de distocia: Materna

Desfecho: Óbito da mãe e dos fetos

História da queixa principal: Proprietário relata que o animal entrou em trabalho de parto no dia anterior (22/11) no final da tarde, afirma que o animal não conseguiu expulsar nenhum feto. Foi realizada palpação pelo proprietário que afirma ter sentido a cabeça de um leitão presa, tentou puxar, porém sem sucesso.

Atendimento Hospital Veterinário: Animal submetido à cesariana.

Figura 8 - Lesão na região vulvar, ocasionada por tentativa de tração fetal em porca com prolapso vaginal, seguido de parto distócico, atendida no Hospital Veterinário da UFPB.



Fonte: Arquivo pessoal.

4 DISCUSSÃO

O manejo e acompanhamento adequado dos animais no período gestacional, bem como o diagnóstico precoce de alterações do parto são essenciais para o sucesso das condutas e técnicas adotadas nos casos de distocias, sendo fundamental analisar cuidadosamente cada situação para prevenir a ocorrência de procedimentos inadequados e, assim, garantir resultados satisfatórios na intervenção, assegurando a sobrevivência da mãe e do(s) feto(s) (PERES, 2023).

Nos casos ora descritos, as parturientes receberam diversos tipos de intervenção previamente ao atendimento nas dependências do Hospital Veterinário. Nos casos onde não foi relatada a tentativa de intervenção, houve um retardo em buscar o serviço de atendimento do Hospital Veterinário.

Foram descritas situações onde as manobras como tração forçada para tentativa de retirada dos fetos, executadas pelo próprio proprietário e/ou por um prático, conforme relatado para os BOV 1, CAP 1, CAP 2, SUI 1 e SUI 2, não obtiveram sucesso. Segundo Toniollo e Vicente (1993), a tração forçada pode ser realizada manualmente ou com o auxílio de materiais, como cordas e correntes em grandes animais, e fórceps em pequenos animais. No entanto, é importante evitar a aplicação de força equivalente à de duas ou mais pessoas simultaneamente e, acima de tudo, nunca utilizar força mecânica excessiva, pois isso pode resultar em morte fetal e causar lesões nas vias fetais moles, o que pode levar, além da morte do feto, à morte da parturiente, como ocorreu nos casos supracitados.

Ainda nos casos em questão, para o BOV 2, em razão do prolapso vaginal, o proprietário relatou que fez uma tração vaginal para lavar o órgão. Esse procedimento pode ter contribuído para o agravamento do quadro, visto que, ao chegar ao Hospital Veterinário, o animal apresentava a mucosa vaginal com severa hiperemia, além de aspecto bastante friável. O animal também demonstrava sinais de intensa dor e desconforto. Esse quadro resultou em lesões na via vaginal, dificultando a expulsão do feto.

A integração desses casos ressalta a importância da aplicação de técnicas de tração adequadas e com cuidado, a fim de evitar complicações graves tanto para a mãe quanto para o feto.

Toniollo e Vicente, (1993) inferem que o prolapso vaginal ou uterino é mais frequentemente observado em bovinos e pequenos ruminantes. Fatores

predisponentes incluem o decúbito, resultante da paralisia dos membros pélvicos e/ou torácicos, além do confinamento, falta de exercícios, predisposição hereditária, idade (animais senis). A tração excessiva do feto nas distocias, a manipulação em casos de retenção de placenta e qualquer condição que predispõe à atonia uterina, também atuam como causa para esse distúrbio (CARMO *et al.*, 2020). No caso BOV 2, a parturiente começou a prolapsar próximo ao parto, e foi submetida a manipulação vaginal. Adicionalmente, a paciente era plurípara e de idade avançada, corroborando a descrição da literatura.

Nos casos CAP 1, EQUI 2 e SUI 1, os proprietários fizeram o uso de ocitocina e/ou prostaglandina, hormônios sintéticos bastante utilizados na indução e/ou aceleração do trabalho de parto. A ocitocina é um hormônio produzido pelo hipotálamo e retido na glândula pituitária posterior. Sua função é fundamental no processo de parto, pois estimula as contrações uterinas, e a lactação, favorecendo a ejeção do leite. Já a ocitocina ovariana atua na função luteínica, induzindo a liberação de prostaglandina F2alfa, que vai promover a regressão do corpo lúteo (HAFEZ e HAFEZ, 2004). Outras funções da prostaglandina na reprodução são liberação de gonadotrofinas, motilidade uterina, regressão do corpo lúteo, ovulação, parto e transporte de espermatozóides (FRIZZO, 2002).

Segundo Wentz *et al.* (2009), a administração de ocitocina é apropriada em situações de hipotonia ou atonia uterina, condições que só podem ser diagnosticadas por meio da palpação genital realizada por um profissional Médico Veterinário. A ocitocina só deve ser indicada após a confirmação de que o colo do útero está dilatado, pois as contrações induzidas podem aumentar o risco de ruptura uterina. Os mesmos autores alertam que a combinação deste fármaco com a aplicação de prostaglandinas e intervenção manual pode alterar o padrão de contrações da fêmea. Ademais, doses elevadas de ocitocina podem causar dificuldades nas trocas gasosas, levando a hipóxia e, potencialmente, à morte fetal. Esses fatores, conforme descritos nos casos CAP 1, EQUI 2 e SUI 1, evidenciam os riscos associados ao uso inadequado de ocitocina e prostaglandinas sintéticas e a importância do conhecimento adequado sobre seu uso.

No que diz respeito aos casos OVI 1, OVI 2 e EQUI 1, o tempo que o proprietário levou para buscar auxílio médico veterinário pode ter sido um dos fatores mais determinantes para a gravidade do quadro clínico nos respectivos casos. De acordo com Câmara *et al.* (2009), a taxa de mortalidade das crias tende a

aumentar quanto mais prolongado for o intervalo entre o início do trabalho de parto e a procura por atendimento clínico adequado, frequentemente devido a condutas inadequadas por parte do proprietário.

Nos casos OVI 1 e OVI 2, os proprietários fizeram o uso de analgésico e/ou antimicrobianos. Segundo Mathews (2014), as alterações fisiológicas associadas à unidade materno-placenta-fetal influenciam a farmacodinâmica, farmacocinética e a distribuição dos medicamentos para o feto. A barreira placentária é lipoprotéica, permitindo que substâncias com alta lipossolubilidade a atravessem mais facilmente. Portanto, a automedicação por parte dos proprietários pode resultar em administração inadequada de medicamentos, elevando o risco de efeitos adversos tanto para a mãe quanto para o feto.

5 CONCLUSÃO

Segundo o que foi observado no presente trabalho podemos concluir que diversos fatores como tentativas de manobras obstétricas mal administradas, uso indevido prévio de fármacos, bem como o retardo na busca por atendimento obstétrico especializado, concorreram fortemente para o desfecho que culminou nos óbitos maternos e fetais.

Tal conjuntura comprova que o conhecimento acerca das condutas adequadas aos casos de distocias, seja de origem materna ou fetal, são primordiais em casos dessa natureza. O conhecimento acerca desses procedimentos, ou de qual a melhor conduta a ser aplicada, só pode ser atribuída a um profissional habilitado ao exercício da prática médico veterinária. É, portanto, de essencial importância, contribuir com o conhecimento e a conscientização junto aos criadores acerca da natureza e complexidade dessas intervenções, como forma de melhorar o entendimento acerca dessas questões, desencorajar práticas errôneas e assim, proporcionar a preservação do bem-estar, da saúde reprodutiva e da vida da fêmea e do(s) feto(s).

REFERÊNCIAS

ANDOLFATO, G. M.; DELFIOL, D. J. Z. **Principais causas de distocia em vacas e técnicas para correção: Revisão de literatura.** Revista Científica de Medicina Veterinária. Garça/SP: FAEP, 2014. n. 22, p. 1-16.

CÂMARA, A. C. L. *et al.* **Análise dos fatores relacionados a 60 casos de distocia em ovelhas no Agreste e Sertão de Pernambuco.** 2008. Ciência Rural, Santa Maria, 2009. v. 39, n. 8, p. 2458-2463.

CARMO, A. L. P. *et al.* **PROLAPSO UTERINO EM VACAS: CAUSAS, SINTOMAS, PREVENÇÃO E TRATAMENTO.** In: III VET WEEK, 2020. São Luís de Montes Belos, GO. Anais da Semana Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária. v. 2, n. 1, set. 2020. Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Oeste. 2020. p. 45.

COURY, L. F. F. *et al.* **Efeito do parto assistido na ocorrência de desordens uterinas puerperais e na eficiência reprodutiva de vacas leiteiras mestiças.** Ciência Animal Brasileira, 2023. v. 24. e-75064P.

ESTRADA, S.; CASTILLO, G.; ROMERO, J. J. **Eventos reproductivos de la hembra y el macho: Parto y distocia.** Unidad 2. Capítulo 9. Hechoen México, Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), 2021.

FRIZZO, A. **AS PROSTAGLANDINAS NA REPRODUÇÃO.** 2002. Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. p. 1-26.

GANDINI, J. C. **Distocia em éguas – Estudo retrospectivo de cinco casos.** R. bras. Ci. Vet., 2023. v. 30, n. 2, p. 73-79.

GARBIN, L. C. **Distocia em éguas: Revisão de literatura.** 2011. Monografia de Especialização em Residência para Médico Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. p. 1-52.

HAFEZ, B.; HAFEZ, E. S. E. **Reprodução Animal.** 7^a. ed. Barueri, SP: Manole, 2004. p. 275-278.

JORGE, R. S. **DISTOCIA EM VACAS LEITEIRAS: Revisão Bibliográfica.** 2023. TCC (Graduação em Zootecnia) – Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, 2023. p. 1-46.

KEBEDE, A.; MOHAMMED, A.; TADESSSE, W.; ABERA, D. **Review on economic impacts of dystocia in dairy farm and its management and prevention methods.** Nature and Science, 2017. v. 15(3) p. 32-42.

LOMBARD, J. E.; GARRY, F. B.; TOMLINSON, S. M.; GARBER, L. P. **Impacts of Dystocia on Health and Survival of Dairy Calves**. Journal of Dairy Science, 2007. v. 90 n. 4. p. 1751-1760.

MATHEWS, K. *et al.* **DIRECTIVAS PARA O RECONHECIMENTO, AVALIAÇÃO E TRATAMENTO DA DOR**. 2014. The world small animal veterinary association congress (WSAVA), 2014. p. 57-62.

PAIVA, I. O. **Distocia em Bovinos: Revisão bibliográfica**. 2022. TCC (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade Anhanguera de Anápolis, Anápolis, 2022. p. 1-28.

PRESTES, N. C.; LANDIN-ALVARENGA, F. C. **Obstetrícia Veterinária**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Kooogan, 2017. p. 155-197.

QUEIROZ, J. E. S.; Silva-Marques, R. P. S.; Souza, C. J. **Complicações no parto bovino e a intervenção cirúrgica cesariana**. PUBVET, 2024. v.18, n.03, e1556, p.1-14.

RIBEIRO, D. P. **CAPÍTULO II: CESARIANA EM MINIATURA SUÍNA DECORRENTE DE DISTOCIA FETAL: Relato de caso**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Residência) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2023. p. 42-65.

RODRIGUEZ, M. G. K. *et al.* **Intervenções obstétricas em equinos**. Investigação Veterinária. São Paulo, 2015. v.14. p. 83-90.

SHARMA, A.; KUMAR, P.; SINGH, M.; VASISHTA, N. **Retrospective analysis of dystocia in small ruminants**. Intas Polivet, 2014. v. 15, n.2, p. 287-289.

WENTZ, I. *et al.* **A importância do atendimento ao parto na melhoria da produtividade em suínos**. Acta Scientiae Veterinariae, 2009. v. 37, n. 1, p. s35-s47.

XIMENES, F. H. B. **Distocia em Vacas e Ovelhas atendidas no Hospital Veterinário da UnB entre os anos de 2002 e 2009**. Dissertação de Mestrado em Saúde Animal – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2009. p. 1-66.